

## Dos africanismos lexicais no papiamentu<sup>1</sup>

### 1. Introdução

Na literatura sobre o papiamentu – língua crioula de base lexical ibero-românica<sup>2</sup>, falada nas ilhas de Aruba, Bonaire e Curaçao onde possui um status de co-oficialidade ao lado do neerlandês – é quase um lugar comum que a mesma seria a língua crioula com a porcentagem menor de africanismos lexicais (cf. Bartens 1995, 264). Assim, a afirmação de Kramer (1999) pode ser considerada representativa para a *opinio communis*<sup>3</sup> referente à origem do léxico do papiamentu:

Elementa originis Iberoromanicae, id est quae ad linguam Hispanam aut ad linguam Lusitanam referenda sunt, circiter et tribus duae partes vocabularii papiamentu sunt; tertia pars plerumque ad lingua Batavam spectat, cum voces et idiomatibus Africanis minimi momenti sint (Kramer 1999, 992-993; grifo nosso).

Mesmo se há poucas pesquisas sobre a contribuição das línguas africanas para o léxico do papiamentu, há estudos que evidenciam influências em outras áreas. Como elementos africanos, apontam-se, antes de tudo, fenômenos gramaticais e fonéticos<sup>4</sup>. Maurer (1991b), porém, mostra que a semântica do vocabulário básico no papiamentu foi influenciada por línguas africanas. Assim palavras como *man* ‘mão, braço’ (< esp. MANO), *pía* ‘pé, perna’ (< esp. PIE)<sup>5</sup>, *kuero* ‘coro, pele’ (< esp. CUERO), *luna* ‘lua, mês’ (< esp. LUNA)<sup>6</sup>, *morde* ‘morder, doer’ (< esp./pg. MORDER) sofreram um processo de

<sup>1</sup> Gostaria de agradecer a Bart Jacobs, Amparo Fernández Guerra, Magdalena Coll e Tânia Alkmim pelas discussões frutíferas sobre este tema, bem como a Mikael Parkvall por ter-me concedido a consulta de material ainda não publicado sobre os africanismos nas línguas crioulas atlânticas.

<sup>2</sup> Por razões de espaço não podemos tratar aqui da questão da origem do papiamentu – questão tratada de maneira muito convincente por Jacobs (2012). Para uma visão de conjunto de outras teorias cf. Kerkhoff (1998) e Grant (2008).

<sup>3</sup> Cf. p. ex.: Holm (1989, 315-316), Munteanu (1996, 419); Maurer (1998, 70-71), Parkvall (2000, 154); Grant (2008, 81-82). Baker (2012b, 274), no entanto, opina que se trata antes de tudo de um problema de identificação.

<sup>4</sup> Para mais detalhes cf. p.ex. Holm (1987: 14-15), Maurer (1991a, 10-13) bem como a sinopse de Parkvall (2000, 145-148).

<sup>5</sup> Parkvall (no prelo) mostra que a extensão de *mão* para *braço* e de *pé* para *perna* também há em outras línguas crioulas como no crioulo jamaicano, em krio, nos crioulos de Guiana, Guiné-Bissau bem como em angolares e santomenses.

<sup>6</sup> Kramer (2011, 109) avança a hipótese de uma evolução semântica interna do papiamentu, apontando para rum. *lună* ‘lua, mês’ como um exemplo análogo nas línguas românicas. O que

ampliação do seu significado que mostra paralelos claros com línguas bantu e kwa. Doutro lado, mostra o estudo de Bartens/Sandström (2006) sobre os elementos semânticos primários (*semantic primes*; cf. Goddard/Wierzbicka 2002) em cinco línguas crioulas atlânticas de base lexical ibero-românica que apenas no angolares são-tomense há elementos africanos nesta parte mais fundamental do vocabulário, no papiamentu, palenquero e kabuverdianu todas as palavras são de origem europeia.

Como apontamos em Johnen (2012, 165), os estudos que afirmam o número insignificante ou a ausência de africanismos lexicais no papiamentu baseiam-se em regra geral, como Kramer (1999), nos levantamentos de Lenz (1928) e Maduro (1953) resumidos na tabela 1; portanto, como mostraremos em 2., a afirmação do número insignificante de africanismos lexicais no papiamentu é baseada na análise de obras lexicográficas rudimentares que não consideraram campos lexicais de cultura afro-antilhana, por exemplo, da música e da religião, aliás campos lexicais com muitos africanismos no português do Brasil (cf. Castro, 2001).

|  | Lenz (1928, 210)<br>n = 2500 | Maduro (1953, 134)<br>n = 2426 |
|--|------------------------------|--------------------------------|
| Ibero-românico (esp., pg., gal. incl. americanismos) | 65%                          | 65,86%                         |
| Neerlandês   | 30%                          | 28,15%                         |
| Francês  | 0,76%                        | 1,28%                          |
| Inglês   | 0,44%                        | 1,64%                          |
| Outras origens                                       | 3,4%                         | 3,13%                          |

Tabela 1: Origem do léxico do papiamentu. Levantamento feito a partir de Lenz (1928) e Maduro (1953)

Estes dois levantamentos revelam, entre outros, que entre 3% e 3,5% do vocabulário do papiamentu não é de origem ibero-românica, neerlandesa, inglesa ou francesa, o que significa de fato na grande maioria que é de origem não-europeia – uma porcentagem inclusive ligeiramente maior do que a dos anglicismos e galicismos no papiamentu que somam entre 1,2% e 3%. Isso é um forte indício que há provavelmente um problema de identificação das palavras de origem africana no papiamentu.

O objetivo desta contribuição é de um lado analisar os problemas de identificação dos africanismos no papiamentu e doutro lado, exemplificar a necessidade e as vantagens de uma abordagem que considere também os resultados da pesquisa sobre

---

Kramer (2011) desconsidera, no entanto, é a longa história de contato do romeno com o turco onde *ay* significa tanto ‘lua’ quanto ‘mês’ (cf. Eren 1988, 108). O exemplo do turco mostra, no entanto, também que esta conceptualização não é restrita às línguas africanas.

outras línguas crioulas atlânticas e variedades de línguas europeias transplantadas às Américas (particularmente o português e o espanhol). Devido ao espaço limitado deste artigo, porém, não será possível apresentar um balanço do estado atual das nossas pesquisas, mas torna-se necessário a restrição de apontar apenas alguns resultados exemplares.

## 2. A lexicografia do papiamentu e a problemática da identificação dos africanismos lexicais

Uma das razões que dificultou a identificação de africanismos lexicais do papiamentu é o estado da lexicografia. Somente a partir dos anos 90 do século XX surgem dicionários bilíngües mais abrangentes, faltando até hoje um dicionário monolíngue abrangente (cf. Eckkramer 1996, 84-86). Os inícios da lexicografia do papiamentu remontam à alfabetização de escravos por religiosos neerlandeses como o primeiro glossário papiamentu – neerlandês da autoria de Bernardus Th. J. Frederiks, a *Woor-denlijst der in der landstaal van Curaçao meest gebruikelijke woorden* [Lista de palavras mais usuais na língua falada em Curaçao]. Este pode ser considerado como o primeiro dicionário do papiamentu (cf. Kramer 2009, XIII). Foi re-editado recentemente por Kramer (2009) que organizou as entradas segundo a ordem alfabética e acrescentou etimologias. Seguiram a Frederiks (1859) outros glossários temáticos do papiamentu. Lenz (1928) baseou suas análises na *Woordenlijst en samenspraak Hollandsch – Papiamentsch – Spaansch* da autoria de Willem M. Hoyer que foi editado pela primeira vez em 1918 em Curaçao e teve mais de seis re-edições até 2011 (cf. Eckkramer 1996, 84; Kramer 2013, VI). Analisando a obra de Hoyer (1943<sup>4</sup> [1918], 46), faz-se necessário constatar que p. ex. no capítulo de instrumentos musicais foram apenas considerados instrumentos e termos musicais usados da tradição da música erudita europeia: *orgel, arpa, piano, pianola, tecla, viol, alpeis, viola, violoncel, bas, contrabas, guitarra, mandolin, klarinet, fluit, picaló, oboi, cornet, alt, tenor, bariton, trompet, trombon, sinfonia, caha di música*. Nos termos de religião, chama atenção a ausência de qualquer termo relacionado com tradições e crenças religiosas africanas. O mesmo se verifica no vocabulário de Frederiks (2009 [1859]).

A nosso ver, a escolha dos campos lexicais e dos respectivos inventários lexicais não foi feita por acaso, pelas seguintes razões: primeiro, o papiamentu é uma língua crioula falada por todas as camadas da sociedade. As primeiras listas de vocabulário, antes da compilação de dicionários mais completos, não foram compiladas por pessoas interessadas em línguas exóticas, mas para fins práticos de uso cotidiano da língua. Assim, estas listas refletem os termos centrais da subcultura dos seus autores (isto é a cultura burguesa de herança europeia) e não os termos importantes para a subcultura das classes populares, nem dos afro-curaçaoenses. Campos lexicais como o da astronomia em Hoyer (1943<sup>4</sup> [1918]) são indícios de uma reivindicação implícita de igualdade com outras línguas na época consideradas “línguas de civilização” (cf. a discussão entre Walboomers 1998 [1915] e Poesz 1998 [1915] no jornal *Amigoe de Curaçao*), enquanto o papiamentu, na época, era considerado como língua abastar-

dada (cf. p. ex. a opinião de Menkman 1936-1937; para uma discussão mais ampla cf. Bachmann 2007). Essa preocupação fica explícita no artigo «Papiamentoe», originalmente publicado na revista *La Cruz* do 27 de outubro de 1915 com o qual Hoyer – o autor do glossário que está à base de Lenz (1928) – participa da controversia, se o papiamentu é uma língua de cultura ou não:

Ma aki nos tin un lenga biboe, un lenga koe ta existi hopi siglo caba, un lenga coe regla fiho, coe proverbio mashá boenita i su propia expresionnan, un lenga anto, koe tin un porvenir mescos koe cuáلكier otro lenga [...]. Nan por jama nos lenga: *een onbeschaafde taal*, es decir un lenga koe no por hiba nos na regiónnan altoe, ma afortunadamente púlpito, prosa i poësia den nos lenga ta doena un respondi basta clá riba es acusación ai. Si nos lenga ta colocá den grupo di *Afrikaanse negertalen*, esai no ta hacié perde su balor (Hoyer 1998 [1915], 168-169).

A mesma preocupação transparece na introdução do guia ortográfico de Hoyer (1918) na sua justificação de uma normalização ortográfica. O autor exclui aqui *expressis verbis* que o papiamentu pudesse contribuir para o desenvolvimento intelectual, mas ressalta a necessidade de visar o grau máximo de aperfeiçoamento:

Ta conocí, koe lenga papiamentoe pa falta di bon elemento, no ta e idioma jamá pa hiba nos ariba camina di progreso intelectual, sinembargo [sic], como lo ta imposibel pa caba coe su existencia, una bez koe él a bira un necesidad pa casi toer persona bibá na nos islanan, nos ta haja nos obliga di traha pa su perfección i pa trece un uniformidad de e manera di skribié, pa koe nos lo por jega na expresa nos na un manera culta, na toer ocasion, koe nos tin koe haci uso di lenga aji (Hoyer 1918, 3).

A segunda razão é ligada ao engajamento por parte da igreja católica que usou o papiamentu no ensino dos escravos e na catequese desde o século XIX. Os agentes deste engajamento eram padres dos Países Baixos, portanto não falantes nativos do papiamentu. Rejeitando ideias de inferioridade racial da população de origem africana, estes padres acreditaram ter uma missão para além da evangelização desta parte da população. Objetivaram levar aos afro-descendentes àquilo que consideravam civilização tencionando, nos parâmetros vigentes deste modelo cultural, levá-los ao mesmo nível da elite local euro-descendente.

Tradições musicais africanas como o *tambú*, porém, eram consideradas, expressões de um nível civilizatório inferior e foram combatidas por uma grande parte do clero até meados do século XX (cf. Rosalia 1997, 175-187; Allen 2007, 48) – até mesmo depois do final da proibição do *tambú* pela administração colonial em 1935 (cf. Eckkramer 1996, 68). Admitir a existência de crenças religiosas africanas, também teria sido, para estes padres, equivalente à admissão do insucesso de seu engajamento evangelizador. Isso se revela no artigo do padre dominicano Latour (1949) intitulado *Voodoo em Curaçao*. Latour que era, aliás, um dos primeiros que se interessaram pela cultura afro-curaçoaense (cf. Rosalia 1997, 179), admite neste artigo escrito para um jornal missionário neerlandês, a presença de certas crenças religiosas de origem africana, mas relativiza esta presença ressaltando ao mesmo tempo o sucesso da ação evangelizadora dos padres holandeses atuando em Curaçao e comparando a

expressão destas crenças religiosas de origem africana com a religiosidade popular na Europa. Sua posição em relação à música afro-curaçaoense tampouco era positiva (cf. Allen 2007, 52). Apenas as pesquisas antropológicas de outro padre neerlandês, Paul Brenneker (cf. p.ex. Brenneker 1969, 1986), abriram caminho para o reconhecimento da herança cultural afro-curaçaoense (cf. Rosalia 1997, 179; Allen 2007, 53-57).

Assim, depois que na segunda metade do século XX esta visão excludora da herança africana veio a ser superada, constam na lista de possíveis africanismos no papiamentu compilado por van Buurt (2001) dez termos do campo da música (*agan, bamba, benta, bongo, kalumba, lele, marimba, marimbula, tambú, tumba*) e quatorze do campo religioso (*chokèkè/chokwèkè, ezè/ezèh/zèh, dámbala, djèngèle, fuku, kofi, lêhi, mailo, manzinga, séu, simadan, voodoo, wazé/wazenu, zumbi*). Na lexicografia do papiamentu esta herança africana começou a ser considerada nas últimas décadas, particularmente nos dicionários mais completos do papiamentu que são os dicionários bilíngües papiamentu – neerlandês de Joubert (1999<sup>2</sup>) e Putte-de Windt / Putte (2005). Contudo, se bem que estes trazem na micro-estrutura dos verbetes (de maneira não sistemática) informações sobre a etimologia, inclusive de palavras de origem sefardí e malaia, o mesmo não vale para as de origem africana. Além disso, falta até hoje um dicionário etimológico abrangente do papiamentu. Os trabalhos de Maduro (1966) e de Kramer (2009, 2011, 2012 e 2013<sup>7</sup>) consideram apenas uma parte pequena do vocabulário. Entretanto, há um dicionário das palavras de origem indígena em papiamentu (van Buurt / Joubert 1997), mas ainda não foi publicado nenhum trabalho parecido sobre as palavras de origem africana.

### 3. A problemática da determinação da etimologia do léxico de origem não-europeia no papiamentu

Grande parte do vocabulário do papiamentu que não é de origem européia provém supostamente de línguas indígenas e africanas. As palavras de origem indígena não são somente das línguas que historicamente estiveram presentes em Aruba, Bonaire e Curaçao, mas também de outras línguas indígenas como o nahuatl que provavelmente chegaram através do espanhol ao papiamentu (cf. van Buurt / Joubert 1997, 27) o que testemunha estreitas comunicações com a Hispanoamérica. Isso levanta também a questão dos caminhos das palavras provenientes de línguas indígenas e africanas. Alguns autores, como Kramer (2009 e 2013) parecem partir do princípio que raramente houve empréstimos diretos de línguas indígenas ou africanas. Nenhuma das palavras de origem indígena é indicada por Kramer (2009 e 2013) como tal. O mesmo vale para as palavras de origem africana em Kramer (2009) e para 8 das 10 palavras de origem africana em Kramer (2013). Algo que é muito questionável para as línguas africanas, pois como Curaçao servia como porto que concentrava os escri-

<sup>7</sup> Kramer (2013, X) alerta que seu dicionário é concebido como dicionário para viajantes e não como um dicionário etimológico científico. As indicações etimológicas possuem, portanto, apenas uma função didática para facilitar a aprendizagem do vocabulário.

vos africanos antes de vendê-los para as colônias espanholas (cf. Postma 1990) seria estranho se as palavras das línguas destas pessoas presentes até hoje no papiamentu fossem unicamente emprestadas através do espanhol americano sem a possibilidade de empréstimos diretos.

Devido à situação precária tanto da lexicografia das línguas africanas (cf. Quint 2000, 11-18) quanto das línguas indígenas, a determinação da etimologia das palavras de origem africana e indígena não é uma tarefa fácil pelo motivo do grande número de línguas envolvidas, o que se deve também ao fato que os escravos levados para Curaçao vieram tanto da África ocidental quanto da região de Luango na macro-região do Congo (cf. Parkvall 2000, 136-137; Jacobs 2012; 269-312).

Por essa razão, há muitas vezes controvérsias se uma palavra é de origem indígena ou africana. Assim há certas palavras como *makutu* ‘cesta’ e *gobi* ‘meia cabaça pequena usada como recipiente para beber ou comer’ que p.ex. van Buurt/Joubert (1997, 74; 115) consideram como indigenismos (mesmo sendo impossível para os autores indicarem um étimo ou determinarem de maneira segura a língua-fonte), ao mesmo tempo que Parkvall (no prelo) indica étimos africanos para os cognatos destas duas palavras em outros crioulos atlânticos<sup>8</sup>. Mas há também o caso inverso: a palavra *bakoba* ‘pacoba, banana’ é considerada ou um africanismo (p.ex. van Buurt 2001, 4) ou um neerlandismo (Kramer 2009, 6 e 2013, 14), mesmo sendo observado de vez em quando o paralelo com pg. *pacoba* (< tupi PA'KOUA ‘banana’; cf. Cunha 1998 [1978], 225) e seu uso no Brasil (cf. p.ex. Maduro 1973, 10)<sup>9</sup>.

Estes exemplos ilustram a necessidade de uma abordagem comparativa trans-continental e trans-atlântica. Em Johnen (2012) mostramos nos exemplos de alguns africanismos lexicais do papiamentu que possuem cognatos no português do Brasil e no espanhol uruguaio e que no papiamentu ainda não foram relacionados a uma etimologia africana, como no caso de pap. *bomba* ‘capataz’ e *kanga* ‘arregaçar’, evidenciando as vantagens da abordagem comparativa. Cumpre ampliá-la para outras variedades do espanhol americano e línguas crioulas atlânticas e analisá-las neste contexto mais amplo.

Nesta perspectiva, Bartens (2012, 64) enumera 11 itens lexicais de origem bantu comuns a varias línguas crioulas e variedades americanas do espanhol bem como ao português do Brasil. Cinco destes também fazem parte do vocabulário do

<sup>8</sup> De fato há cognatos de *gobi* no inglês do Caribe (cf. Allsopp/Allsopp 1996, 260), no crioulo de São Cristóvão e Nevis (cf. Baker 2012a, 209), em sranantongo, negerhollands bem como no crioulo haitiano (cf. Parkvall no prelo). Segourola/Rassinoux (2000, 195) indicam para fon *goví* o mesmo campo lexical como em papiamentu: ‘garrafa pequena’. Rassinoux (2000, 53) indica como equivalente fon de fr. *calebasse* ‘cabaça’ *gò* que tem também o significado de ‘garrafa’. Fon *goví* seria então o diminutivo de *gò*. Para *makutu* há cognatos em todo o Caribe (cf. Parkvall no prelo), cf. também a discussão em Meggenney (1999, 222) sobre a etimologia de esp. *macuto*.

<sup>9</sup> Por razões de espaço não podemos tratar aqui com a profundidade devida o caso de *bakoba* que valeria um estudo próprio.

papiamentu: *kachimba* ‘cachimbo’, *zumbi*, *guiambo* ‘quiabo’, *samba* e *tanga*<sup>10</sup>. Podia acrescentar-se a estes bantuisimos também pap. *wandu* ‘cajanus cajan’ (cf. van Buurt 2001, 12-13) (< kik. WANDU; cf. Nsondé 199, 143)<sup>11</sup>.

Também das línguas kwa há alguns empréstimos paralelos entre o papiamentu e o português do Brasil. Isso é o caso de pap. *lele* (< fon LÌLE ‘virar’) e de *oochi* ‘gêmeo’ (< fon HÖXÒ; cf. Rassinoux 2000, 205) com cognatos em sranantongo: *oó* e saramaccan: *hohobi* (cf. Parkvall no prelo), mas também na língua-de-santo da nação de candomblé Jeje-Mina: *hoho* (cf. Castro 2009, 51). Enquanto no papiamentu é a designação comum para um gêmeo que se acha mesmo em glossários da área da medicina (cf. Rach 1984, 77), no Brasil o lexema é restrito à linguagem sagrada de um grupo religioso. Mas também o caso de *lele* é interessante, enquanto manteve no papiamentu a classe de palavra do fon, tornou-se um substantivo nas demais línguas crioulas do Caribe (cf. Parkvall no prelo) e no português do Brasil tanto um substantivo (*lele* ‘confusão’) quanto um adjetivo (*lelé* ‘maluco, adoidado; ingênuo, indolente, simplório’) (cf. Castro 2001, 264).

Outro aspecto interessante é que há alguns africanismos que o papiamentu e os crioulos da Guiné superior têm em comum, mas que até hoje não foram identificados em outros crioulos americanos como pap. *badjaga* ‘formiga cortadeira’ (que segundo Quint 2000, 159 é cognato de kabuverdianu *bága-bága* ‘grande formiga branca’ < bamb. BUBAA, BUBAGA, BAGABAGA ‘térmita’) e pap. *kochi* ‘patada (de burro)’<sup>12</sup> que possui os cognatos *kotxi* e *kutxi* ‘bater para pulverizar o arroz ou o milho’ (cf. Rougé 2004, 324) nos crioulos da Guiné-Bissau e da Casamance bem como no kabuverdianu *kotxi* ‘desfarelar o milho no pilão [...] utilizando um ou dois paus’ (Lang 2002, 351). Rougé (2004, 324) indica como étimo provável mandinga kóccɪ ‘piler pour décortiquer’.

#### 4. Resultados e perspectivas

Objetivamos com esta contribuição evidenciar que a abordagem comparativa auxilia a identificar africanismos lexicais e, além disso, fornece também informações interessantes sobre a questão de saber quais lexemas de quais campos semânticos são frequentemente emprestados. No caso de pap. *oochi* ‘gêmeo’, a presença de um cognato na linguagem sagrada da nação de candomblé Jeje-Mina sugere que razões espi-

<sup>10</sup> No caso de *tanga* e *samba*, no entanto, não está claro se são emprestados diretamente de línguas bantu ou se entraram por outra via no papiamentu, pois se trata de internacionalismos de origem africana (cf. Johnen 2012, 166-168).

<sup>11</sup> *Wandu* há também em sranantongo (cf. Blanker/Dubbeldam 2010<sup>6</sup>, 210), além disso há cognatos em negehollands com a forma composta *wandubonchi* (cf. Jong 1926, 106) (< kik. WANDU + nl. BOONTJE ‘feijãozinho’), no espanhol porto-riquenho, colombiano, costarriquense, cubano, hondurenho e dominicano (cf. Castillo Mathieu 1982, 177-178). As formas variam entre *guandúl*, *guandú* e *guandu*. A última também há no espanhol venezuelano (cf. Megneney 1999, 216) e panamense (cf. Jamieson 1992, 164), bem como no palenquero (cf. Schwegler 2002, 187). No português do Brasil existem as formas *andu* e *guandu* (cf. Castro 2001, 153).

<sup>12</sup> Agradeço a Bart Jacobs por ter chamado minha atenção a este exemplo.



rituais podem ter uma influência. Isso é inclusive uma hipótese possível no caso de certos legumes como o *quiabo* (pap. *guiambo*) como ingrediente do caruru, comida preferida de Xangô em alguns dos ritos do candomblé (cf. Bastide 1978, 135). A presença de cognatos de africanismos lexicais no papiamentu e no kabuverdianu também permite levantar hipóteses sobre a história do contato linguístico. A presença de verbos no papiamentu como *kanga* (cf. Johnen 2012, 171-173) e *lele* que mantiveram então a classe de palavra do seu étimo (enquanto não é o caso das outras línguas onde há cognatos) pode ser considerado um forte indício para um empréstimo direto do kikongo (no caso de *kanga*) e do fon (no caso de *lele*). Os resultados de uma pesquisa comparativa fornecem, portanto, pistas interessantes para futuras investigações.

Westsächsische Hochschule Zwickau

Thomas JOHNEN

## Referências bibliográficas

- Allen, Rose Mary, 2007. *Di ki manera? A Social History of Afro-Curaçaoans, 1863-1917*, Proefschrift [Tese de Doutorado], Utrecht, Universiteit Utrecht.
- Allsopp, Richard/Allsopp, Jeannette, 1996. *Dictionary of Caribbean English usage*, Oxford, Oxford University Press.
- Ansano, Richenel, 1990. «Balia ku Almasola or “Dance with the lone soul”: Social transformations and symbolic representations in Afro-Curaçaoan religions», in: Allen, Rose Mary/van Gelder, Paul/Jacobs, Mike/Witteween, Ieteke (ed.), *Op de bres voor eigenheid: afhankelijkheid en dominantie in de Antillen*, Amsterdam, Caraïbische Werkgroep AWIC – Universiteit van Amsterdam, 165-189.
- Ansano, Richenel, 2000. «Herensha Afrikano i Karibeño: den religion i spiritualidat na Kòrsou», *Lantèrnu* 20, 43-44.
- Bachmann, Iris, 2007. «Negertaaltje or Volkstaal: The Papiamentu Language at the Crossroad of Philology, Folklore and Anthropology», *Indiana* 24, 87-105.
- Baker, Philip, 2012a. «African words in St Kitts-Nevis Creole English of Eastern Caribbean», in: Bartens, Angela/Baker, Philip (ed.), *Black through white: African words and calques which survived slavery in Creoles and transplanted European languages*, London, Battlebridge, 197-214.
- Baker, Philip, 2012b. «Interpreting the findings», in: Bartens, Angela/Baker, Philip (ed.), *Black through white: African words and calques which survived slavery in Creoles and transplanted European languages*, London, Battlebridge, 273-286.
- Bartens, Angela, 1995. *Die iberoromanisch-basierten Kreolsprachen*, Frankfurt am Main, Lang.
- Bartens, Angela, 2012. «African words in Latin American Spanish and Portuguese – from retention to innovation» in: Bartens, Angela/Baker, Philip (ed.), *Black through white: African words and calques which survived slavery in Creoles and transplanted European languages*, London, Battlebridge, 51-72.
- Bartens, Angela/Sandström, Niclas, 2006. «Semantic primes in Atlantic Iberoromance-based Creoles: superstrate continuity or innovation?», *Estudios de sociolingüística*, 7, 31-54.



- Bastide, Roger, 1978. *O candomblé da Bahia*, São Paulo, Nacional.
- Blanker, J.C.M./Dubbeldam, J., 2010<sup>6</sup>. *Prisma woordenboek Sranantongo; Prisma wortubuku fu Sranantongo; Sranantongo – Nederlands; Nederlands – Sranantongo*, Houten, Unieboek / Antwerpen, Het Spektrum.
- Brenneker, Paul, 1969. *Sambumbu I: volkskunde van Curaçao, Aruba en Bonaire*, Curaçao, Ed. do autor.
- Brenneker, Paul, 1986. *Brua*, Curaçao, Ed. do autor.
- Buurt, Gerard van, 2001. «Afrikaanse woorden in het Papiamentu: lijst versie 25/6/2001», *Kristòf* 11:3, 1-24.
- Buurt, Gerard van/Joubert, Sidney, 1997. *Stemmen uit het verleden: indiaanse woorden in het Papiamentu*, Curaçao, [s. ed.].
- Castillo Matthieu, Nicolás de, 1982. *Esclavos negros en Cartagena y sus aportes léxicos*, Bogotá, Instituto Caro y Cuervo.
- Castro, Yeda Pessoa de, 2001. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*, Rio de Janeiro, Topbooks.
- Castro, Yeda Pessoa de, 2009. «African Languages and Brazilian Portuguese: a new approach», in: Petter, Margarida/Mendes, Ronald Beline (ed.), *Proceedings of the Special World Congress of African Linguistics, São Paulo 2008: Exploring the African language connection in the Americas*, São Paulo, Humanitas, 47-56.
- Cunha, Antônio Geraldo da, 1998<sup>4</sup> [1978]. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*, São Paulo, Melhoramentos.
- Eckramer, Eva Martha, 1996. *Literarische Übersetzung als Werkzeug des Sprachausbaus am Beispiel des Papiamentu*, Bonn, Romanistischer Verlag.
- Eren, Hasan (ed.), 1988. *Türkçe sözlük: Yeni baskı*, 2 vol., Ankara, Türk Dil Kurumu.
- Frederiks, Bernardus Th. J., 2009 [1859]. *Woordenlijst der in der landstaal van Curaçao meest gebruikelijke woorden; alphabetisch neu geordnet mit dem heutigen Sprachstand verglichen und etymologisiert von Johannes Kramer*, Hamburg, Buske.
- Goddard, Cliff/Wierzbicka, Anna, 2002. «Semantic primes and universal grammar», in: Goddard, Cliff/Wierzbicka, Anna (ed.), *Meaning and Universal Grammar – Theory and Empirical Findings*, v. I, Amsterdam, Benjamins, 41-85.
- Grant, Anthony P., 2008. «A constructivist approach to the early history of Papiamentu», in: Faraclas, Nicolas/Severing, Ronnie/Weijer, Christa (ed.), *Linguistic studies on Papiamentu*, Curaçao, Fundashon pa Planifikashon di Idioma, 73-112.
- Holm, John, 1987. «African substratal influence on the Atlantic Creole Languages», in: Maurer, Philippe/Stolz, Thomas (ed.), *Varia Creolica*, Bochum, Brockmeyer, 11-26.
- Holm, John, 1989. *Pidgins and Creols, vol. II: Reference survey*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Hoyer, Willem M., 1998 [1915]. «Papiamentoe», in: Berry-Haseth, Lucille/Broek, Aart G./Joubert, Sidney M. (ed.). *Pa saka kara, tomo II: Antologia di literatura Papiamentu; revishon, aktualisashon i ampliashon di di nos: Antologia di nos literatura di Pierre Lauffer*, Willemsstad, Fundashon Pierre Lauffer, 168-169.
- Hoyer, W[illem] M., (1918). *Papiamentoe i su manera di skirbié*, Curaçao, Bethencourt.
- Hoyer, W[illem] M., 1943<sup>4</sup> [1918]. *Woordenlijst en samenspraak Hollandsch – Papiamentsch – Spaansch*, Willemstad, Sluyter.

- Jacobs, Bart, 2012. *Origins of a creole: the history of Papiamentu and its African ties*, Boston/Berlin, de Gruyter Mouton.
- Jamieson, Martín, 1992. «Africanismos en el español de Panamá», *ALH*, 8, 149-176.
- Johnen, Thomas, 2012. «*Bomba, kanga, makamba* e outros africanismos lexicais no papiamentu: comparações com o português do Brasil e o espanhol uruguaio», in: Álvarez López, Laura/Coll, Magdalena (ed.), *Una historia sin fronteras: léxico de origen africano en Uruguay y Brasil*, Stockholm, Acta Universitatis Stockholmiensis, 161-187 [disponível online: <http://urn.kb.se/resolve?urn=urn:nbn:se:su:diva-81944> (14/10/2013)].
- Jong, J.P.B. De Josseling, 1926. *Het huidige Negerhollands: teksten en woordenlijst*, Amsterdam, Koninklijke Akademie van Wetenschappen te Amsterdam.
- Joubert, Sidney, 1999<sup>2</sup> [1991]. *Dikshonario Papiamentu – Hulandes; Handwoordenboek Papiaments – Nederlands*, Willemstad, Fundashon di Leksikografia.
- Kerckhoff, Maxim P.A.M., 1998. «Romanische Kreolsprachen IV: Papiamentu/Los criollos romances IV: El papiamento», *LRL*, 7, 644-661.
- Kramer, Johannes, 1999. «De origine elementisque linguae Creolae qua incolae insularum Batavarum in mari Caraibico sitarum utuntur», in: Große, Sybille/Schönberger, Axel (ed.), *Dulce et decorum est philologiam colere: Festschrift für Dietrich Briesemeister zu seinem 65. Geburtstag*, Berlin, Domus Editoria Europea, vol. 2, 989-1000.
- Kramer Johannes (ed.), (2009). *Veja-se Frederiks 2009* [1859].
- Kramer, Johannes, 2011. «Papiamento-Etymologien», *Romanistik in Geschichte und Gegenwart*, 17, 99-116.
- Kramer, Johannes, 2012. «150 Papiamento-Etymologien», *RK XXVI*, 257-276.
- Kramer, Johannes, 2013. *Kleines etymologisches Wörterbuch Papiamento – Deutsch; Deutsch – Papiamento*, Hamburg, Busch.
- Lang, Jürgen (ed.), 2002. *Wörterbuch des Kreols der Insel Santiago (Kapverde) in portugiesischer Sprache mit deutschen und portugiesischen Übersetzungsäquivalenten; Dicionário do crioulo da Ilha de Santiago (Cabo Verde) com equivalentes de tradução em alemão e português*, Tübingen, Narr.
- Latour, M[amertus] D[ominicus], 1935-1936. «Vremde invloeden in het papiaments», *West-Indische Gids*, 17, 387-396.
- Latour, M[amertus] D[ominicus], 1949. «Voodoo op Curaçao», *Indisch Missietijdschrift*, 32, 18-21.
- Lenz, Rodolfo, 1928. *El papiamento: la lengua criolla de Curazao; la gramática más sencilla*, Santiago de Chile, Barcells.
- Maduro, A[ntoine] J., 1953. *Ensayo pa yega na un ortografia uniforme pa nos papiamentu*, Curaçao, M.S.L. Maduro.
- Maduro, Antoine J., 1966. *Procedencia di palabranan papiamentu i otra anotacionnan*, 2 vol., Corsou, Ed. do Autor.
- Maduro, Antoine J., 1973. *Algun anotashon mas tokante nos lenga i outro asuntonan*, Kòrsou, Ed. do autor.
- Maurer, Philippe, 1991a. «El papiamento de Curazao: un idioma verdaderamente americano», *Papia* 1:2, 6-15.
- Maurer, Philippe, 1991b. «Der Einfluss afrikanischer Sprachen auf die Wortsemantik des Papiamentu», in: Boretzky, Norbert/Enninger, Werner/Stolz, Thomas (ed.), *Kontakt und Simplifikation: Beiträge zum 6. Essener Kolloquium über "Kontakt und Simplifikation" vom 18. - 19.11.1989 an der Universität Essen*, Bochum, Brockmeyer, 123-138.

- Maurer, Philippe, 1998. «El papiamentu de Curazao», in: Perl, Matthias/Schwegler, Armin (ed.), *América negra: panorámica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas*, Frankfurt am Main, Vervuert/Madrid, Iberoamericana, 139-217.
- Megenney, Wiliam W., 1999. *Aspectos del lenguaje afronegroide en Venezuela*, Frankfurt am Main, Vervuert.
- Menkman, W. R., 1936-1937. «Curaçao, zijn naam, zijn taal», *West-Indische Gids* 18, 38-50.
- Munteanu, Dan, 1996. *El papiamento, lengua criolla hispánica*, Madrid, Gredos.
- Nsondé, Jean de Dieu, 1999. *Parlons kikôngo: le lâri de Brazzaville et sa culture*, Paris, L'Harmattan.
- Parkvall, Mikael, 2000. *Out of Africa: African influences in Atlantic Creoles*, London, Battlebridge.
- Parkvall, Mikael, no prelo. *Afrolex*, London, Battlebridge.
- Poiesz, P.J., 1988 [1915]. «Het papiamentsch als cultuurtaal», in: Berry-Haseth, Lucille/Broek, Aart G./Joubert, Sidney M. (ed.). *Pa saka kara, tomo II: Antologia di literatura Papiamentu; revishon, aktualisashon i ampliashon di di nos: Antologia di nos literatura di Pierre Lauffer*, Willemstad, Fundashon Pierre Lauffer, 165-167.
- Postma, Johannes, 1990. *The Dutch in the Atlantic slave trade 1600 – 1815*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Putte-de Windt, Igma/Putte, Florimon van, 2005. *Dikshonario Papiamentu – Hulandes; Woordenboek Papiaments – Nederlands*, Zutphen, Walburg.
- Quint, Nicolas, 2000. *Le cap-verdien: origines et devenir d'une langue métisse; Étude des relations de la langue cap-verdienne avec les langues africaines, créoles et portugaise*, Paris, L'Harmattan.
- Rach, Gerold H., 1984. *Lista di deskripshon di enfermedat: anamneselijst*, Leiden, Stichting Antillaanse Medische Studenten.
- Rassinoux, Jean, 2000. *Dictionnaire français – fon*, Cotonou, Maison Régionale SMA/Madrid, Selva y Sabana/Sociedad Misiones Africanas.
- Rosalía, Rene Vincente, 1997. *Reprashon di kultura: e lucha di tambú, Kòrsou*, Instituto Stripan.
- Rouger, Jean-Louis, 2004. *Dictionnaire étymologique des créoles portugais d'Afrique*, Paris, Karthala.
- Schwegler, Armin, 2002. «El vocabulario africano de Palenque (Colombia). Segunda parte: compendio alfabético de palabras (con etimologías)», in: Moñino, Yves/Schwegler, Armin (ed.), *Palenque, Cartagena y Afro-Caribe*, Berlin/New York, de Gruyter, 171-226.
- Segourola, Basilio/Rassinoux, Jean, 2000. *Dictionnaire Fon – Français*, Cotonou, Maison Régionale SMA/Madrid, Selva y Sabana/Sociedad de Misiones Africanas.
- Walboomers, W. J., 1998 [1915]. «Enkele opmerkingen naar aanleiding van 't artikel van Ds. G.J. Eybers over het papiamentsch, Amigoe de Curaçao, 2 oktober», in: Berry-Haseth, Lucille/Broek, Aart G./Joubert, Sidney M. (ed.). *Pa saka kara, tomo II: Antologia di literatura Papiamentu; revishon, aktualisashon i ampliashon di di nos: Antologia di nos literatura di Pierre Lauffer*, Willemstad, Fundashon Pierre Lauffer, 158-164.